

**CENAS DE EXPERIÊNCIAS HAITIANAS, COM YANICK LAHENS: ENSAIO DE
UMA TRADUÇÃO**

***SCENES FROM HAITIAN EXPERIENCES, WITH YANICK LAHENS: ESSAY OF A
TRANSLATION***

Maria Angélica Deângeli¹
Juliana Furquim^{2**}

¹ Doutora em Letras pela Unesp. Professora de francês do Departamento de Letras Modernas da Unesp/Ibilce, campus de São José do Rio Preto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5181-1634>.

^{2**} Graduada em Letras pela Unesp/Ibilce. Professora de francês da Aliança Francesa e da Fundação Carlos Chagas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4102-0599>.

RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar a tradução comentada, do francês para o português brasileiro, do conto Une histoire américaine, extraído do livro La petite corruption (1999), da escritora haitiana Yanick Lahens. Para tanto, parte-se, por um lado, das pesquisas teóricas sobre tradução e sobre tradução comentada em contexto acadêmico; por outro, explora-se o universo haitiano no qual o conto se insere. Assim, no contexto dos estudos da tradução, tomam-se por base os estudos de Antoine Berman, principalmente de sua obra A tradução e a letra ou o albergue do longínquo (2007). No que se refere ao gênero tradução comentada, faz-se referência às pesquisas de Torres (2017) e Sardin (2007), nas quais as autoras se debruçam sobre a problemática da tradução comentada em contexto acadêmico e apontam a relação intrínseca entre comentário e tradução. Também se menciona o trabalho de Mittmann (2003), no que concerne às notas de tradução numa perspectiva discursiva. Com o intuito de investigar as particularidades da escrita de Yanick Lahens, suas preocupações enquanto escritora de expressão francesa, e a fim de abordar as questões históricas e culturais subjacentes à narrativa, faz-se menção aos trabalhos de Cadely (2016) e Cothière (2017).

Palavras-chave: *Língua francesa; tradução comentada; Yanick Lahens.*

ABSTRACT

The principal objective of this article is to present the commented translation, from French into Brazilian Portuguese, of the short story Une histoire américaine, extracted from the book La petite corruption (1999), by the Haitian writer Yanick Lahens. To do so, it commences, on the one hand, with the theoretical research on translation and on annotated translation in an academic context; and, on the other hand, the Haitian universe in which the short story is inserted. Thus, in the context of translation, Antoine Berman's studies form the basis, mainly his work A tradução e a letra ou o albergue do longínquo (2007). Regarding the commented translation genre, reference is made to the research by Torres (2017) and Sardin (2007), in which the authors address the problem of annotated translation in an academic context and point out the intrinsic relationship between annotation and translation. Mittmann's (2003) work regarding translation notes from a discursive perspective is also mentioned. The works of Cadely (2016) and Cothière (2017) are used to investigate the particularities of Yanick Lahens' writing in French and to address the historical and cultural issues underlying the narrative.

Keywords: *French language; annotated translation; Yanick Lahens.*

1 INTRODUÇÃO: CENAS HAITIANAS

A tarefa do traduzir, para parafrasearmos uma expressão que nos é cara, desenha-se como uma espécie de convite a olhar o outro ou para o outro a partir da experiência da desapropriação: desapropriar-se da língua, do pertencimento ilusório a uma língua ou do dizer pleno dessa língua, que nunca é única. No ato inaugural dessa tarefa, vários saberes, e também sabores e dissabores, somam-se à experiência da desapropriação para dar lugar àquela ou àquele que chega, o texto traduzido, *l'arrivant*, como diria Derrida (1996).

Assim, a tradução pressupõe sempre um diálogo, envolvendo diversos atores e inúmeras variáveis: por um lado, o texto em língua estrangeira, o(a) autor(a), o contexto de sua

produção; por outro, o(a) tradutor(a), seu universo linguístico e cultural, a recepção dessa (re)escrita no universo para o qual o texto foi traduzido, dentre outros.

Neste artigo, tencionamos colocar em cena esses inúmeros sujeitos e objetos ao nos propormos a tarefa de traduzir, do francês para o português brasileiro, o conto *Une histoire américaine*, presente em uma das primeiras publicações da escritora haitiana Yanick Lahens, intitulada *La petite corruption*, de 1999³¹.

Antes, e mesmo depois de sua independência, em 1804, o Haiti foi palco de inúmeras explorações e tentativas de boicote de sua liberdade e de seu progresso. Nas primeiras invasões, em 1492, vieram os espanhóis e, com seu entusiasmo na exploração do “Novo Mundo”, deram início ao etnocídio e à escravidão na, por eles nomeada, Hispaniola (território que é composto hoje pelo Haiti e pela República Dominicana). Depois, em 1697, chegaram os franceses que, com o Tratado de Ryswick, conquistaram a parte leste do território, nomeando-a de Saint-Domingue. Ergueram ali a colônia que daria grande lucro para a França, por meio do sistema *plantation*, método agrícola de monocultura para exportação. Em 1915, mesmo depois de se declarar independente, o Haiti foi ocupado pelos norte-americanos, pois uma nação negra e livre representava a oposição à escravidão que esmagava milhões de homens dentro dos EUA (Cf. ANDRADE, 2016). Trata-se, portanto, de um povo cuja história é perpassada por inúmeras violências sociais e culturais que fazem do Haiti, hoje, um dos países mais pobres da América.

Além dessas interferências externas, cabe mencionar a ditadura Duvalier que, durante 29 anos, dilacerou o país. Em 1957, o médico François Duvalier, após ganhar as eleições, se autodeclara presidente vitalício e persegue violentamente seus opositores e a Igreja Católica, cobrando impostos abusivos da população, desviando finanças públicas e recebendo o apoio financeiro dos EUA para prosseguir seu governo opressor. Depois de sua morte, em 1971, seu filho assume a presidência, dando sequência às ações do pai. Para pôr fim à ditadura, ocorre uma revolta popular em 1986 que retira Jean-Claude Duvalier do poder, proporcionando um pequeno fôlego à fragilizada democracia haitiana.

Como reflexo de todos esses percalços históricos, a educação no país é precária e escassa. De acordo com o Instituto de Estatística da UNESCO, em 2016, a taxa de literacia no Haiti era de 61,7%. Mesmo em vigor a Constituição de 1987, determinando que a educação é um direito fundamental a todos os haitianos, parte significativa dos cidadãos não tem sequer acesso à alfabetização. Diante dessa precarização escolar, a produção intelectual do país acaba se restringindo a apenas uma pequena parcela da população.

As línguas oficiais da ilha são o francês, língua do ex-colonizador, e o crioulo haitiano, surgido da mistura do francês e das línguas dos povos africanos levados para as Antilhas para servirem de mão-de-obra escrava. Contudo, de acordo com Darline Cothière (2016), desde os anos de 1990, o uso do inglês e do espanhol, no país, tem aumentado de maneira progressiva e isso se deve, respectivamente, ao interesse migratório para os EUA e às relações com os outros países do Caribe.

A língua francesa, embora oficial, não é nem uma língua materna, tampouco uma língua estrangeira no Haiti, conforme afirma Cothière. O francês é a língua da escolarização, através da qual é possível ascender socialmente, e, dessa forma, passa a ser também a língua usada na maior parte da produção literária haitiana, cujo alcance se restringe a poucos alfabetizados; ao todo, eles correspondem a aproximadamente 20% da população.

Considerando a situação mais recente do francês e do crioulo no país, Cadely aponta que:

³¹ A edição a que nos referimos neste artigo é de 2014, conforme consta das referências bibliográficas.

Uma pequena porcentagem de haitianos – cerca de um décimo deles – fala francês e pode ser considerada, em vários graus, bilíngue. As duas línguas desempenham funções distintas na vida do país. O francês é usado “em muitos dos assuntos formais do Haiti”, enquanto o uso do crioulo como uma língua formal, embora não seja proibido, continua estigmatizado. (2016, p. 309)⁴

⁴ Esta e outras citações originalmente em francês foram traduzidas pelas autoras deste artigo.

É nesse contexto de diglossia e de precarização da educação que devemos apreender a escrita de Yanick Lahens. Ao proferir o discurso de inauguração da cadeira “Mundos Francófonos” no Collège de France, em 2019, Lahens afirma que cabe ao escritor haitiano interrogar:

Como no impasse que segue essa revolução, esses homens e essas mulheres despojados, deslocados, desestabilizados linguisticamente, não cessaram de dizer ou de escrever um sonho de viver, demonstrando por essa mesma razão que a literatura começa geralmente ali, onde a palavra se torna impossível. (2019, p. 22)

É dessas formas de se dizer na quase impossibilidade de se fazer ouvir, numa sociedade em que a escrita se torna um instrumento de resistência e uma forma de existir, que trata a literatura de Yanick Lahens.

Nascida em Port-au-Prince, capital do Haiti, Lahens cresceu em uma família cujos pilares eram mulheres: mãe, avó materna e babá. Teve, assim, uma infância marcada pelas noites dormidas ao lado da mãe, pelos bolos feitos pela avó confeitadeira e pelos cuidados diários de sua babá. Só conheceu o pai aos cinco anos, pois antes ele cursava faculdade na França, para onde Yanick é enviada mais tarde, a fim de completar seus estudos. Graduou-se em Sorbonne, lecionando posteriormente tanto na França quanto em seu país de origem.

Apesar de pertencer à classe média negra no Haiti, Lahens, quando pequena, já percebia, à sua volta, as muitas discriminações em relação à cultura haitiana e aos negros. Em casa, afirma a escritora, usava para se comunicarem tanto o crioulo quanto o francês; porém, numa entrevista à rádio France Culture (2021), revela que o crioulo era a língua dos homens por conta do uso de expressões mais vulgares, ao passo que, para as mulheres, era considerado mais adequado falar em francês, denotando-se assim maior polidez. Todavia, a escritora ressalta que houve uma mudança ao longo do tempo, com iniciativas que procuraram valorizar o crioulo haitiano como língua do povo, após a sua oficialização, e possibilitaram o surgimento de movimentos literários que privilegiaram a escrita em crioulo; nesses movimentos destacam-se autores como Frankétienne, Émile Célestin-Mégie e Félix Morisseau-Leroy.

Os primeiros trabalhos de Lahens como escritora foram as coletâneas de contos intitulados *Tante résia et les dieux* (1994) e *La petite corruption* (1999); já seus primeiros romances foram *Dans la maison du père* (2000) e *La couleur de l'aube* (2008). Em suas narrativas, Lahens tematiza a realidade haitiana de pobreza, de exploração, de racismo, de tradição religiosa vodu e da força feminina.

Une histoire américaine, o conto cuja tradução propomos neste artigo, é construído por três momentos distintos que se alternam ao longo da narrativa. Em seu período escolar no Haiti, a narradora, em primeira pessoa, discorre sobre sua adolescência e sua paixão por um rapaz chamado Luc. No segundo momento, a narradora e personagem principal, morando nos Estados Unidos, relata uma viagem para o sul do país com seu companheiro Scott, advogado negro da NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*). E, ao final do conto, a protagonista narra no presente, fazendo uma breve reflexão sobre a sua ilha, o Haiti.

Embora narrado na primeira pessoa do singular, o conto aborda a vivência coletiva dos negros e o preconceito e a violência de que são vítimas. Enquanto haitiana, imigrante e negra, a personagem principal também revela a forte presença do racismo nos Estados Unidos, pois a narrativa começa pela rememoração do ano de 1963, momento em que acontecia o movimento pelos direitos civis e, em contraponto, momento também em que Martin Luther King Jr. proferiu o famoso discurso de resistência intitulado *I Have a Dream*.

É na intersecção dessas questões linguísticas, culturais e históricas que buscamos

realizar a tradução do conto *Une histoire américaine*. Tal tarefa representa, assim, para nós, a possibilidade de tornar visíveis (e também legíveis) essas escritas francófonas consideradas marginais e pouco conhecidas no Brasil. Por meio da tradução empreendida, entendemos contribuir com reflexões e debates, na academia e fora dela, sobre questões atuais que concernem inúmeras formas de exploração e miséria humanas nas sociedades ditas periféricas.

2 NOTAS EM CENA

A tradução comentada ganhou nos últimos anos, conforme afirma Torres (2017), formato acadêmico e legitimou-se como um espaço privilegiado da crítica e também da teoria no campo de Estudos da Tradução. Segundo a autora, o gênero textual em questão compreende “*basicamente traduzir um texto, geralmente literário, inédito em português do Brasil e comentar a partir de teorias da tradução*” (2017, p. 11); no entanto, como assinala Torres, não se trata apenas disso. A tradução comentada não se resume a um simples comentário incorporado ao suposto “texto original”, pois a análise ou comentário que acompanham a tradução funcionam como um “aparato crítico”, permitindo apreender o próprio processo tradutório e estabelecer um diálogo entre a teoria, a crítica e a prática. Dessa forma, para essa estudiosa, a tradução comentada seria o lugar da “visibilidade” e da escuta da voz do(a) tradutor(a).

As questões colocadas por Torres visam desestabilizar o paradigma da tranquilidade ou da linearidade da leitura de uma obra traduzida. Se o senso comum contribuiu para difundir a ideia de que preferimos não ser “interrompidos” pela presença inquietante de uma nota de tradução, por exemplo, no processo de leitura, Torres se coloca na contramão desse pensamento, defendendo a criticidade do trabalho dos sujeitos que traduzem e a função primordial dos comentários como um recurso de análise da tradução. Para a autora, traduzir e comentar são ações intercambiáveis, havendo entre elas “*relações de similaridade e de diferença*” (2017, p. 16). No que se refere à nota, ainda conclui:

A nota do tradutor, quando existir, é um comentário ao texto, apreendido como metatexto, o texto dentro do texto, ao contrário do que Genette afirma (e qualifica como paratexto). Para mim, a nota (a nota de rodapé) não é uma ruptura do texto ou dentro do texto, mas sim uma leitura em paralelo, uma leitura hipertextual. (TORRES, 2017, p. 17)

Também sob uma perspectiva teórica que coloca em evidência a possibilidade de o(a) tradutor(a) assumir seu próprio discurso sem nunca se esconder sob as tessituras textuais que desvela, destacamos o trabalho de Sardin (2007). Para a autora, os comentários suscitados pela “famosa nota do tradutor” são tão numerosos quanto o debate em torno de sua necessidade; admirada, em certas situações, contestada, em outras, a nota rompe com a suposta unidade do texto original e manifesta a impossibilidade de a tradução ser “*homológica, idêntica a si mesma, autossuficiente*” (2007, p. 121). A nota, teria, de acordo com Sardin, um caráter escandaloso ao revelar que o “*‘desaparecimento ilocutório do tradutor’ não passa de uma armadilha*” (2007, p. 121).

Segundo Sardin, as notas podem ser classificadas em duas categorias principais: as notas com “função exegética” e as notas com “função meta”. As primeiras corresponderiam a um tipo de esclarecimento necessário ao entendimento do texto. Sua tarefa principal seria a de elucidar particularidades culturais e civilizacionais. Nesse sentido, a nota exegética está relacionada com certo caráter pedagógico da tradução, pois, ao fazer uso das notas exegéticas, o(a) tradutor(a) fornece ao leitor ferramentas contextuais indispensáveis a uma compreensão

imediate do texto. Numa perspectiva diametralmente oposta, como uma espécie de desafio ao próprio ato de traduzir e anunciando as faltas e as falhas da tradução, situam-se as notas “meta”. Conforme afirma Sardin, com a nota meta “*o tradutor experimenta os limites do traduzir, a imperfeição desta última e a necessidade da retradução. A nota faz surgir essa lei recalcada da tradução e, ao fazê-lo, des-faz o que ela sustenta*” (2007, p. 127).

Em *Notas do tradutor e o processo tradutório* (2003), Mittmann também considera as notas de tradução como uma contribuição ao texto. Propõe uma reflexão principalmente sobre o processo de produção de sentidos a partir de uma abordagem discursiva das notas, buscando entender as razões pelas quais certos efeitos de sentidos são evocados pelo texto traduzido em detrimento de outros. Ao selecionar e analisar diversas notas de obras traduzidas para o português, ela faz referência ao trabalho de Duke (1993), reafirmando que desprezar as notas seria uma forma de desprezar os tradutores, considerá-los como meros instrumentos de transporte entre línguas, não lhes dando assim o direito de produzir sentidos, apenas de “transportá-los”. A autora aponta, em sua análise, como as notas podem constituir recursos controladores de sentido. Confere uma atenção particular às notas em que, segundo ela, há uma “não-coincidência entre o discurso do tradutor e do autor”, para concluir que o importante não é saber se o(a) tradutor(a) concorda ou não com o autor; o que se deve levar em conta é que, ao elaborar as notas, o sujeito tradutor está reivindicando uma posição de enunciator(a) e declarando que “*lá (no texto da tradução) quem fala é o autor, aqui (no texto da N.T.) quem fala sou eu, o tradutor*” (Mittmann, 2003, p. 144).

A partir dessas vozes teóricas, desses lugares de enunciação, adentramo-nos no universo de Yanick Lahens como leitoras, tradutoras e curiosas, à espreita de um mundo novo, para também fazermos ouvir nossas vozes em ato, em nota e em tradução.

Um objetivo ético impôs-se nessa tarefa do traduzir, o de acolher na diferença de nossas línguas, “acolher na língua materna”, como assinala Berman (2007), a literalidade da obra estrangeira, “*sua realidade carnal, tangível, viva no nível da língua*” (p. 70). Tratou-se, então, de dizer com Lahens, à sua maneira, mas também à nossa, as feridas (*les blessures*), as aflições (*les détresses*), as humilhações (*les humiliations*), a desordem (*le désordre*) e os medos (*les peurs*) de seu mundo. No fio desses dizeres, na tessitura desse contrato, algumas negociações se fizeram necessárias, pois a cor local de nossas línguas não cessava de perseguir (*traquer*) o estrangeiro dilacerado, mortificado, machucado (*amoché*) nos matagais e colônias (*dans les fourrés et les hautes herbes*) (Lahens, 2014, p. 91) de nossa imaginação. Foi preciso negociar uma língua, uma forma de se dizer, respeitando o texto estrangeiro e (re)imaginando uma escrita em nossa língua materna; arriscando uma interpretação, “puxando uma nota”.

Esboçamos, assim, um gesto tradutório, movidas pela certeza de sua transitoriedade e de sua incompletude, em uma cena que procura desvelar alguns sentidos, explicitar algumas escolhas, mas que se coloca inevitavelmente à espera dos outros e das outras: outras leituras, interpretações, outros textos e, sobretudo, outras traduções.

3 CENAS DA TRADUÇÃO

Quadro 1 – Cenas da Tradução

Une histoire américaine

1963 – J'avais vingt ans, l'âge où l'on brandit à la face du soleil des mots tendus comme des poings. Où l'on brule les jours pour ne pas traîner jusqu'à la vieillesse. J'étais partie en Amérique comme on convoque la vie, sans même attendre qu'elle nous fasse un signe de la main. À New York, je fus plus qu'une femme, une noire ou une étudiante, je fus une évadée. Je cherchais une issue. Les chemins m'étaient encore fermés par d'épais halliers quand deux ans après mon arrivée, je fis la rencontre de Scott Bradley, avocat noir de la NAACP. Aux yeux des exilés haïtiens, je devins dès cet instant une sorte de butin de guerre des Noirs américains. Rares furent ceux qui en 1965 comprirent que je passais d'une détresse à l'autre. Je les soupçonne encore aujourd'hui d'avoir voulu non changer le monde mais l'haïtianiser, le refaire à l'image de leurs propres blessures.

*

Luc avait dû me sourire, mais je n'en suis pas certaine. Peut-être avais-je voulu si fortement qu'il en fut ainsi que je le crus. Il pleuvait une de ces averses tropicales, une pluie droite tombant sans répit, sans pitié. Je m'étais abritée sous le porche de la mercerie où ma mère m'avait envoyée acheter du fil. C'était un mois de septembre, et elle préparait nos uniformes pour la rentrée en octobre. La pluie sous les tropiques tient toujours du miracle ou du séisme comme si elle ne pouvait s'accommoder de l'ordinaire comme sous d'autres cieux. Et serrés les uns contre les autres sous ce porche, nous étions déjà liés par ses eaux qui feraient autant pousser des fruits qu'effondrer des murs ou ensevelir des

Uma história americana

1963 – Eu tinha 20 anos, idade em que agitamos, em face do sol, palavras tensas como punhos. Momento em que se consumimos os dias para não sermos arrastados até a velhice. Eu havia partido para a América como se convoca a vida, sem mesmo esperar que ela nos faça um aceno. Em Nova Iorque, fui mais do que uma mulher, uma negra ou uma estudante, fui uma fugitiva. Procurava uma saída. Os caminhos ainda estavam fechados para mim por volumosos arbustos, quando, dois anos depois da minha chegada, encontrei Scott Bradley, um advogado negro da NAACP⁵. Aos olhos dos exilados haitianos, tornei-me desde aquele instante uma espécie de butim de guerra dos Negros⁶ americanos. Raros foram os que em 1965 compreenderam que eu passava de uma aflição a outra. E desconfio ainda hoje que quiseram não mudar o mundo, mas haitianizá-lo, refazê-lo à imagem de suas próprias feridas.

*

Luc deve ter sorrido para mim, mas não tenho certeza. Talvez eu tivesse desejado tanto que acabei por acreditar nisso. Caía uma dessas tempestades tropicais, uma chuva grossa sem trégua, sem piedade. Eu estava abrigada sob o alpendre da mercearia onde minha mãe me havia enviado para comprar linha. Era um mês de setembro, e ela preparava nossos uniformes para a volta às aulas em outubro. A chuva nos trópicos assemelha-se sempre ao milagre ou à destruição, como se não pudesse acomodar-se ao ordinário, como sob outros céus. E, apertados uns contra os outros sob aquele alpendre, já estávamos ligados por essas águas que faziam tanto crescer os frutos quanto desabar os muros ou enterrar os corpos. A alegria do

⁵ Sigla para *Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor*, a organização mais importante da América negra que, desde 1909, defende os direitos civis das minorias étnicas nos Estados Unidos. Com mais de 1500 filiais, a associação buscou e continua buscando o progresso nos âmbitos social, político, educacional e econômico desses povos menos favorecidos na sociedade americana. (N. T.)

⁶ Optamos por conservar em maiúsculas as palavras *Negros*, *Pessoas de Cor* e *Branços* ao longo do conto, pois tal marcação indica, em francês, um pertencimento pátrio e, na narrativa, enfatiza a distinção racial entre as pessoas. (N. T.)

corps. La joie du spectacle était déjà fêlée par l'imminence d'un désastre qui, quelque part, posait ses grandes ailes sombres. Mais pour moi, le monde avait encore une odeur d'innocence, et je me sentais à la fois perdue et heureuse comme dans une grande coquille d'eau. Et c'est peut-être parce que je le crus aussi perdu et heureux que moi qu'en me retournant je vis Luc sourire. Il parlait à François et souriait. Et quand il vit que je le regardais, il trébucha sur ces mots mais n'arrêta pas de sourire. Malgré la fraîcheur qu'avait amenée la pluie, je ressentis une ondée chaude me traverser le corps de la pointe des pieds à la racine des cheveux.

*

Dès que Scott m'eut proposée de l'accompagner dans un voyage au sud des États-Unis, il fut habité nuit et jour par cette idée. Ne soupçonnant en rien ce que cette hantise recouvrait, j'avais accepté ce voyage les yeux fermés. Je voulais tant voir et surtout comprendre. Comprendre ce silence obstiné, farouche qu'il m'opposait à chaque fois qu'il revenait du Sud.

Scott avait choisi un itinéraire, et j'étais appelée à le suivre où il voulait avec l'assurance qu'il était mon guide, mon frère tenace, doux et imprévisible. Notre première étape était Richmond, en Virginie. Nous devions ensuite nous rendre à Atlanta, en Géorgie, puis enfin à Birmingham. À force d'entendre les histoires sur le Sud, la peur avait commencé son chemin dans mes veines et chaque fois que Scott s'y était rendu durant ces trois derniers mois, je n'osais pas acheter de journaux ou écouter la radio, et je redoutais la sonnerie du téléphone. Et chaque fois, il en était revenu si brisé que souvent je ne savais plus comment entamer la conversation. Je n'osais même pas le toucher de crainte qu'il ne partît

espetáculo já estava arruinada pela iminência de um desastre, que, em algum lugar, pousava suas grandes asas sombrias. Mas para mim, o mundo tinha ainda um cheiro de inocência, e me sentia ao mesmo tempo perdida e feliz como dentro de uma grande concha d'água. Talvez porque o considerasse tão perdido e feliz quanto eu que, ao me virar, vejo Luc sorrir. Ele falava com François e sorria. E quando viu que eu o observava, tropeçou em suas próprias palavras, mas não parou de sorrir. Apesar do frescor que havia trazido a chuva, senti uma onda quente atravessar meu corpo da ponta dos pés à raiz dos cabelos.

*

Assim que Scott me propôs acompanhá-lo numa viagem ao sul dos Estados Unidos⁷, foi tomado noite e dia por aquela ideia. Não suspeitando em nada o que aquela obsessão escondia, eu havia aceitado a viagem de olhos fechados. Queria tanto ver e principalmente compreender. Compreender aquele silêncio obstinado, feroz que ele me opunha toda vez que retornava do Sul.

Scott havia escolhido um itinerário, e fui convidada a segui-lo para onde ele quisesse com a segurança de que ele era meu guia, meu irmão tenaz, doce e imprevisível. Nossa primeira etapa foi Richmond, na Virgínia. Devíamos, em seguida, ir para Atlanta, na Geórgia, depois, enfim, para Birmingham. De tanto ouvir histórias sobre o Sul, o medo tinha trilhado seu caminho em minhas veias, e toda vez que Scott viajava para o sul durante aqueles últimos três meses, não ousava comprar jornais ou ouvir a rádio e temia o toque do telefone. E, toda vez, ele voltava de lá tão destruído que, muitas vezes, eu não sabia nem como iniciar uma conversa. Não ousava nem mesmo tocá-lo com medo de que disparasse sozinho

⁷ O sul dos Estados Unidos compreende uma vasta região do sudeste e do centro-sul do país e é também chamado de Dixie, apelido que recebeu o território abarcando os antigos “Estados Confederados da América”, aos quais se associam os estados escravagistas que permaneceram fiéis à “União” durante a Guerra de Secessão. (N. T.)

tout seul comme un fusil chargé. Pour ce voyage, Scott me donna des consignes précises :

— D'abord tu prépares tes sandwiches, car après Delaware, je ne m'arrêterai à aucun restaurant, et surtout je t'annonce que tu ne téléphoneras pas à ta tante ou à ton amie Claudia de chez nos hôtes. Leur téléphone est surveillé.

Nous fîmes le voyage en voiture. Scott pensait que c'était la meilleure façon pour moi d'apprendre en m'arrêtant dans les zones de stationnement et de voir pour la première fois des toilettes marquées distinctement Blancs d'un côté, Gens de couleur de l'autre.

Dès que nous avons quitté le New Jersey puis Newark, je ressentis avec ardeur le goût du gouffre. Je m'enfonçais dans le Sud comme s'il était un abîme d'où un Noir en ces années-là ne pouvait revenir qu'amoché ou mort. Le Sud comme une grande trappe.

Je me penchai par la portière pour mieux voir. Ne rien rater de ce pèlerinage. La main de Scott me touchait la nuque de temps à autre comme pour s'assurer que j'étais encore volontaire pour ce voyage.

C'était aussi un remerciement. Notre première halte fut Delaware pour faire de l'essence et boire un café chaud. Nous étions à la fin du printemps et avons choisi ce moment de l'année pour ne pas ajouter la difficulté supplémentaire des rigueurs de l'hiver à un voyage qui, de toute façon, ne pouvait pas être de tout repos pour deux Noirs.

À la tombée de la nuit, nous approchâmes Charlotteville où Monsieur et Madame Mitchell devaient nous héberger. Je m'étais assoupie un long moment, et Scott, me voyant légèrement bouger, m'avait tout à fait réveillée avec, sur les lèvres, une étrange question.

como um fuzil carregado. Para aquela viagem, Scott me deu instruções precisas:

— Primeiro você prepara os sanduíches, porque depois de Delaware eu não vou parar em nenhum restaurante. E já vou avisando que você não vai telefonar para sua tia ou para sua amiga Claudia da casa dos nossos anfitriões. O telefone deles é monitorado.

Fizemos a viagem de carro. Scott achava que aquela era a melhor maneira para eu aprender, parando nos estacionamento, para eu ver pela primeira vez os banheiros marcados distintamente Brancos, de um lado, Pessoas de cor⁸, de outro.

Desde que deixamos Nova Jersey e depois Newark, senti com ardor o gosto do precipício. Eu me afundava no Sul como se ele fosse um abismo de onde um Negro, naqueles anos, não podia sair senão machucado ou morto. O Sul como um grande alçapão.

Inclinei-me sobre a porta para ver melhor. Não perder nada dessa peregrinação. A mão de Scott tocava minha nuca de vez em quando, como para se assegurar que eu era ainda voluntária naquela viagem.

Era também um agradecimento. Nossa primeira parada foi Delaware para abastecer o carro e tomar um café quente. Estávamos no fim da primavera e havíamos escolhido esse momento do ano para não somar a dificuldade suplementar dos rigores do inverno a uma viagem que, de toda forma, não podia jamais ser descanso para dois Negros.

Ao cair da noite, nós nos aproximamos de Charlotteville onde o senhor e a senhora Mitchell deviam nos hospedar. Eu cochilei por um longo momento, e Scott, vendo que eu mexia levemente, me acordou de vez com uma estranha pergunta nos lábios:

⁸ A expressão *gens de couleur* (pessoas de cor) era usada nas colônias francesas da América para designar pessoas não-brancas que tinham sido libertas da escravidão ou já tinham nascido livres. Designava não apenas afrodescendentes, mas também povos autóctones, asiáticos, entre outras minorias étnicas. Cabe destacar que, na atualidade, a expressão é considerada de cunho racista. (N. T.)

— Fais bien attention. Tu n’entends rien ? Au bout d’un moment, je lui répondis: — Non ! — Moi, si. — Ah bon ! Et qu’est-ce que tu entends ? — Au loin, des cris, des gémissements, des râles, le déclic d’un fusil, les aboiements d’une meute de chiens, le bruit de bottes. À cette minute quelque part dans le Sud, on est en train de dire à un Noir : “Qu’est-ce que tu fabriques ici ? Tu sais qu’on ne sert pas les négros”. Au moment où je te parle, quelque part dans le Sud, quelqu’un est train de tuer un innocent. Tu ne peux pas connaître ce bruit, c’est celui du Klu Klux Klan, de la Jhon Birch Society et des milliers de voix nous traquant dans les fourrés et les hautes herbes. Je me rendis compte à quel point ces peurs-là avaient été chassées des routes de mon île. Si nous en confrontions d’autres, celles-là, je le savais, avaient été chassées de notre route. Nous n’en portons plus les stigmates. Aujourd’hui, nous témoignons de nos propres erreurs, de nos grandeurs et faiblesses. Nous en payons durement le prix mais elles sont nôtres. J’avais moi-même cru payer en quittant à la hâte l’île, un dimanche, la peur au ventre, la rage au poing, ne sachant pas très bien lequel d’entre	— Preste bastante atenção. Você não está ouvindo nada? Depois de um momento, respondi: — Não! — Eu estou. — É mesmo? E o que você está ouvindo? — Bem longe, gritos, gemidos, suspiros, o clique de um fuzil, o latido de uma matilha de cães, o barulho de botas. Neste minuto, em algum lugar do Sul, estão dizendo a um Negro: “o que você está fazendo aqui? Você sabe que não atendemos preto”⁹. No momento em que estou falando com você, em algum lugar do Sul, alguém está matando um inocente. Você não consegue reconhecer esse barulho, é o da Ku Klux Klan¹⁰, da John Birch Society¹¹ e de milhares de vozes nos perseguindo nos matagais e nos colônias. Eu me dei conta de como esses medos haviam sido expulsos dos caminhos da minha ilha. Se confrontamos outros, aqueles, eu sabia, haviam sido expulsos de nosso caminho. Não carregávamos mais seus estigmas. Hoje, testemunhamos nossos próprios erros, nossas grandezas e fraquezas. Pagamos duramente o preço, mas os medos são nossos. Eu mesma acreditava ter pagado, saindo às pressas da ilha, num domingo, um frio na barriga, a raiva no punho, não sabendo bem qual dentre nós, Luc, François ou Claude, sobreviveria naquele caminho de
--	--

⁹ Optamos por traduzir *négros* por *pretos* embora esse vocábulo, em português, não remeta ao sentido depreciativo sugerido pelo vocábulo em francês. De acordo com o CNRTL, *négro* é uma forma indubitavelmente racista para se referir a alguém de pele muito pigmentada. Em português, os termos frequentemente empregados para se referir a alguém de pele escura são *preto* e *negro* que, historicamente, possuíam uma carga semântica negativa. Porém, por iniciativa dos movimentos sociais negros, começou-se a reformular a utilização desses termos, outrora pejorativos, que passaram a ser usados como reafirmação e orgulho de suas características enquanto negros/pretos. Logo, nota-se uma pluralidade de significados para esses termos que, a depender do contexto, admitem um ou outro sentido. *Preto*, de acordo com o dicionário Aulete, é um termo pejorativo quando se refere a uma pessoa, enquanto *negro* também se refere à pessoa de pele escura, porém não é classificado como depreciativo. Portanto, seguindo a definição do dicionário, decidimos eleger *preto* como a tradução para o contexto em questão. (N. T.)

¹⁰ Organização terrorista de supremacistas brancos dos Estados Unidos que surgiu após a Guerra Civil americana e que continua existindo até hoje. Com alguns milhares de adeptos, essa organização promove a violência contra afrodescendentes e outros grupos minoritários como judeus, comunistas, LGBTQIA+, entre outros. (N. T.)

¹¹ Grupo político de extrema direita, cujo nome homenageia um militar americano, fundado em 1958 por Robert W. Welch Jr. O discurso adotado por seus seguidores é ultraconservador, os quais defendem pautas como o anticomunismo, o conservadorismo social, as teorias da conspiração e outros ideais que se situam à extrema direita no espectro político. (N. T.)

nous, Luc, François ou Claude, survivrait sur cette route de Birmingham. Je me sentis soulagée de mes peurs plus que je n'aurais dû.

*

*Serais-je née dans un faux paradis ?
Avec un ciel bleu comme un mensonge
au-dessus de nos têtes et tout autour, la
violente poésie de la mer.*

La mécanique monstrueuse s'était mise à broyer des vies. Les hommes en uniforme bleu arboraient leurs premières lunettes noires, et les DKW roulaient déjà dans la nuit, aveuglant de leurs phares les innocents en délire. Très vite, je perdis la première saveur du monde : je compris d'abord que ce monde avait ses lignes de partage. Irrémediables. Qu'il scindait l'humanité selon ce que l'on possédait, son sexe, son origine, la couleur de sa peau. Une angoisse inconnue m'oppressait devant ce désastre. Je suivis Luc, François et Claude pour mettre un nom sur ce désarroi.

Luc refaisait chaque jour le monde et l'île dans sa tête. Et comprendre qu'il n'avait plus que sa ténacité et son rêve me fut difficile. L'agitation qui régnait dans les universités avait largement gagné les lycées, et Luc n'y était point étranger. La réunion à l'Amicale des Philos avait lieu à la Faculté de Médecine et, à mon arrivée, Luc parlait à l'ensemble des étudiants. À haute voix cette fois, exposant les raisons qui faisaient que le monde ne tournait pas rond. Qu'il y avait d'un côté des riches et de l'autre des pauvres, des vainqueurs et les autres. Qu'ici dans notre île, tout s'était mélangé dès le commencement. Que la roue avait tourné, habillant les vaincus de jadis des vêtements de ceux qui les avaient conquis et humiliés. Tous scrutaient Luc comme un oracle attendant que de ses lèvres tombent les mots qui les délivreraient. À mon arrivée, Luc se

Birmingham. Eu me senti aliviada dos meus medos mais do que eu deveria.

*

*Teria eu nascido num falso paraíso?
Com um céu azul como uma mentira sobre
nossas cabeças e, ao redor, a violenta poesia
do mar.*

A mecânica monstruosa pôs-se a triturar vidas. Os homens de uniforme azul ostentavam seus primeiros óculos pretos, e os DKW¹² já circulavam na noite, ofuscando com seus faróis os inocentes em delírio. Muito rapidamente, perdi o primeiro sabor do mundo: entendi, antes de tudo, que aquele mundo tinha suas linhas divisórias. Irremediáveis. Que ele cindia a humanidade de acordo com o que se possuía, o sexo, a origem, a cor da pele. Uma angústia desconhecida me oprimia diante daquele desastre. Segui Luc, François e Claude para dar um nome àquela desordem.

Luc refazia, a cada dia, o mundo e a ilha na sua cabeça. E compreender que ele tinha apenas perseverança e sonho, foi difícil para mim. A agitação que reinava nas universidades havia largamente ganhado os liceus, e Luc não era ali um estranho. A reunião na Amicale des Philos¹³ acontecia na Faculdade de Medicina e, quando cheguei, Luc falava ao grupo de estudantes. Em voz alta dessa vez, expondo as razões que faziam com que o mundo não funcionasse bem. Que existiam, de um lado, ricos e, de outro, pobres; vencedores e os outros. Que aqui, na nossa ilha, tudo estava misturado desde o princípio. Que a roda tinha girado, vestindo os derrotados de outrora com vestimentas daqueles que os haviam conquistado e humilhado. Todos perscrutavam Luc como um oráculo, esperando que de seus lábios se soltassem as palavras que os libertariam. Quando

¹² Marca alemã de automóveis mundialmente conhecida e muito popular até os anos 1960. (N. T.)

¹³ Em francês, o vocábulo *amicale* refere-se, em uma de suas acepções, a uma associação de membros que compartilham uma mesma profissão ou uma mesma atividade. No contexto da narrativa, remete a um grupo de estudantes com ideais comuns. No que concerne à palavra *philos*, trata-se de uma abreviação, recurso utilizado com frequência em francês e que confere uma certa coloquialidade aos vocábulos, podendo significar tanto filosofia quanto filósofos. (N. T.)

retourna. Ses yeux avaient perdu l'éclat de la pluie. Je ne saurais l'expliquer encore aujourd'hui. Ils étaient comme traversés d'incendies. Ils brûlaient quand il me regarda du fond d'un mystère où je n'entrerais pas, où je n'entrerais jamais.

*

Nous sommes arrivés chez nos hôtes aux environs de huit heures. Dans une rue bordée d'arbres, nous avons découvert une modeste mais coquette maison en bois. Monsieur et Madame Mitchell soulevèrent un rideau au rez-de-chaussée pour vérifier qu'il s'agissait bien de nous avant d'ouvrir les portes. Monsieur Mitchell était médecin, et madame Mitchell, enseignante dans une école des environs. On les avait à l'oeil depuis quelque temps à cause des idées qu'ils affichaient en faveur de l'émancipation des Gens de Couleur.

Le dîner fut empreint de chaleur. Madame Mitchell excellente cuisinière, nous prépara du *corn bread* et des côtelettes de porc au miel. Elle s'efforçait à mettre entre elle et la tragédie un humour amer et sage, décidée à avoir le dessus malgré tout:

— Vous avez intérêt à bien manger et à faire des réserves, parce que là où vous allez, les gens comme vous et moi ne sont pas servis, passée une certaine heure. Et si par malheur nous nous présentons à plus d'un, eh bien ! les blancs, ils croient qu'on vient pour les tuer, les voler ou violer leur femme. Alors, faites attention ! Dans ces situations difficiles comme celles-là, je joue à l'arriérée mentale et je finis toujours par obtenir ce que je veux. C'est l'image de nous qui leur convient le mieux parce qu'elle les rassure. Elle se retourna vers son mari :

— Cela met Jason en furie.

— Ah vraiment ! Quelques fois, Barbara exagère.

— D'accord, acquiesça-t-elle, mais est-ce que je n'obtiens pas ce que je veux ?

— Je dois avouer que si.

— Au moins, c'est payant et de plus nous sommes quitte, le blanc et moi : je suis

cheguei, Luc se virou. Seus olhos tinham perdido o brilho da chuva. Eu não saberia explicar ainda hoje. Eles estavam atravessados por incêndios. Eles queimavam quando ele me olhou do fundo de um mistério onde eu não entrava, onde eu não entraria jamais.

*

Chegamos na casa de nossos anfitriões por volta de oito horas. Numa rua cercada de árvores, descobrimos uma modesta, mas charmosa, casa de madeira. O senhor e a senhora Mitchell ergueram a cortina no primeiro andar para verificar que se tratava realmente de nós antes de abrirem a porta. O Senhor Mitchell era médico, e a senhora Mitchell, professora numa escola da região. Estavam de olho neles há algum tempo por conta das ideias que eles expressavam a favor da emancipação das Pessoas de Cor.

O jantar foi marcado pelo calor. A senhora Mitchell, excelente cozinheira, preparou pão de milho e costeletas de porco ao mel. Ela se esforçava para colocar, entre ela e a tragédia, um humor amargo e sábio, decidida a manter-se firme apesar de tudo:

— Seria bom vocês comerem bem e fazerem umas reservas, porque lá aonde vocês vão, pessoas como vocês e eu não são servidas, depois de uma certa hora. E se, por infelicidade, estivermos em mais de um, aí sim! os Brancos acreditam que vamos lá para matá-los, roubá-los ou estuprar suas mulheres. Então, prestem atenção! Em situações difíceis como essas, eu me finjo de débil mental e eu acabo sempre conseguindo o que quero. É a imagem de nós que melhor convém para eles porque os tranquiliza. Ela se virou em direção ao marido:

— Isso deixa Jason furioso.

— Honestamente! Algumas vezes a Bárbara exagera.

— Tudo bem, concordou ela, mas não acabo conseguindo o que quero?

— Devo admitir que sim.

— Ao menos, isso compensa, e além do mais ficamos quites, o Branco e eu: eu sou a frustrada, e ele, o idiota.

frustrée et il est dupe.

Après le repas, Jason Mitchell nous écrivit sur une feuille le nom, l'adresse et le téléphone des gens qui nous hébergeraient à Birmingham. Et il dessina même un plan de la ville.

Nous décidâmes de ne pas nous coucher trop tard. Scott avait eu l'idée d'une entrevue avec de jeunes Noirs le lendemain. Et ils devaient arriver tôt dans la matinée pour nous permettre de partir sur le coup de dix heures. Ils arrivèrent en effet aux environs de sept heures trente. Nous les attendions à la cuisine. Le plus jeune avait à peine seize ans, et le plus âgé, une vingtaine d'années. Ce que je lis dans leurs yeux, c'est la chronique de milliers d'être libérés pour se voir aussitôt livrés à un nouvel et incompréhensible cauchemar : le cauchemar de la pauvreté, de la faim, de l'humiliation, des croix flambant dans la nuit, du massacre aveugle et par-dessus tout, de l'interminable peur.

— Y a-t-il des moments dans votre vie où vous n'avez pas peur ?

Ils ne s'attendaient pas à cette question. Ils ne se l'étaient peut-être jamais posée. Ils se regardèrent donc un moment avant de répondre presque en chœur :

— Non. Tous les Noirs vivent dans la peur. Rares sont ceux qui parmi les jeunes n'ont jamais été arrêtés ou malmenés par la police ou par des groupes de Blancs isolés. Le plus jeune ajouta :

— C'est une chose de savoir que tu dois mourir un jour. Nous mourrons tous. Mais c'en est une autre de savoir que tu peux être assassiné à n'importe quel moment. Je n'imagine jamais l'avenir. Quand les plus grands vont travailler, mon père, mon frère, je ne sais jamais s'ils vont revenir entier ou d'ils vont revenir tout court.

— La peur, elle est en nous, elle est partout. C'est comme notre ombre. Le Noir, son ombre c'est la peur.

— Pourquoi ?

— Parce que c'est ce que l'Amérique a fait de nous. Nous ne l'avons pas choisi.

Depois da refeição, Jason Mitchell nos escreveu em uma folha o nome, o endereço e o telefone de pessoas que nos acolheriam em Birmingham. E até desenhou um mapa da cidade.

Decidimos não nos deitarmos muito tarde. Scott teve a ideia de uma entrevista com jovens Negros no dia seguinte. E eles deviam chegar de manhã cedo, para que pudéssemos partir por volta das 10 horas. Chegaram, de fato, perto das sete e meia. Nós os esperávamos na cozinha. O mais jovem tinha apenas dezesseis anos, e o mais velho, uns vinte e poucos. O que eu leio em seus olhos é a crônica de milhares de seres libertados para se verem logo entregues a um novo e incompreensível pesadelo: o pesadelo da pobreza, da fome, da humilhação, das cruzes flamejantes na noite, do massacre cego e, acima de tudo, do interminável medo:

— Têm momentos na vida que vocês não têm medo?

Eles não esperavam por aquela pergunta. Talvez nunca tivessem se perguntado. Seus olhares se cruzaram, então, por um momento, antes de responderem quase em coro:

— Não. Todos os Negros vivem no medo. Raros são aqueles jovens que nunca foram parados ou maltratados pela polícia ou por grupos de Brancos isolados. O mais jovem acrescentou:

— Uma coisa é saber que você vai morrer um dia. Todo mundo vai morrer. Outra coisa é saber que você pode ser assassinado a qualquer momento. Eu nunca imagino o amanhã. Quando os mais velhos vão trabalhar, meu pai, meu irmão, nunca sei se vão voltar vivos ou simplesmente se vão voltar.

— O medo, ele está em nós, ele está em tudo. É como nossa sombra. A sombra do Negro é o medo.

— Por quê?

— Porque é o que a América fez de nós. Nós não escolhemos.

— É por isso que escolheram a violência? Ela caminha junto com o medo.

— C'est pour cela que vous avez choisi la violence ? Elle marche avec la peur. Elles se ressemblent beaucoup. Vous trouvez cela normal pour vous qui êtes jeunes de vivre ainsi ?

— Vous vous trompez, nous ne sommes pas jeunes, nous n'avons jamais été jeunes. Nous sommes Noirs et c'est le plus fondamental. En Amérique, les autres questions viennent après.

*

Luc avait désappris à parler aux petites gens au milieu desquelles il était né. Qui eux n'avaient pas de mots pour dire les maisons tordues, les toits fuyant, les ruelles comme des mares suintantes, la maladie, les épidémies, le manque d'amour. Pas de mots pour dire la privation, l'entassement, l'odeur des charognes, les maisons incendiées par dizaine. Il a cru à tort que l'engagement politique lui rendait cette parole. Alors il se gava de mots, de livres, se demandant comment de telles choses pouvaient être écrites et dites et a désappris les leçons des silences des siens. Il avait perdu la rudesse des mots simples. Il vivait désormais séparé, douloureusement éloigné et ne voulut jamais le croire. Croire que la loi des hommes était à ce point terrible.

*

Le lendemain, les Mitchell nous conduisirent jusqu'à notre voiture et nous demandèrent de les suivre. Ils voulaient nous indiquer la sortie la plus sûre. Comme pour notre départ de New York, nous avions préparé des sandwiches, acheté quelques fruits, rempli un thermo de café et un autre d'eau. En nous approchant de cette deuxième étape qu'était Birmingham autant dire que nous nous approchions du troisième cercle de Dante: l'enfer. La simple évocation de cette ville faisait se dresser les cheveux de tout Noir américain normalement constitué. Mais pour Scott qui y avait vécu, je savais qu'il s'agissait d'un retour à quelque chose d'encore de bien plus profond, jusqu'à l'enfouissement le plus

Eles se parecem bastante. Vocês acham normal viver assim para vocês que são jovens?

— Você se engana, nós não somos jovens, nós nunca fomos jovens. Nós somos Negros e isso é o mais fundamental. Na América, as outras questões vêm depois.

*

Luc havia desaprendido a falar com as pessoas simples no meio das quais nasceu. Elas que não tinham palavras para dizer as casas tortas, os telhados fugidios, os becos como poças putrefantes, a doença, as epidemias, a falta de amor. Não há palavras para dizer a privação, a superlotação, o odor das podridões, as casas incendiadas às dezenas. Ele acreditou erroneamente que o engajamento político lhe restituía essa voz. Então se empanturrou de palavras, de livros, se perguntando como tais coisas podiam ser escritas e ditas e desaprendeu as lições dos silêncios dos seus. Ele havia perdido a rudeza das palavras simples. Vivia desde então separado, dolorosamente distante e jamais quis acreditar nisso. Acreditar que a lei dos homens era a esse ponto terrível.

*

No dia seguinte, os Mitchell nos acompanharam até o carro e nos pediram para segui-los. Eles queriam nos mostrar a saída mais segura. Assim como para a nossa partida de Nova York, havíamos preparado sanduíches, comprado algumas frutas, enchido uma garrafa de café e outra de água. Aproximarmo-nos daquela segunda etapa que era Birmingham seria o mesmo que dizer que nos aproximávamos do terceiro círculo de Dante: o inferno. A simples evocação daquela cidade fazia os cabelos de todo Negro americano normalmente constituído ficarem de pé. Mas, para Scott que havia vivido lá, eu sabia que se tratava de um retorno a alguma coisa ainda mais profunda, ao abismo mais íntimo.

intime.

Sur la route de Birmingham, la fatigue nous avait engourdis. Un vertige me creusait sourdement le ventre. Et je me demandais du fond de quel monde Scott me regardait. Il s'enfonçait vers le Sud pour l'effacement, pour l'oubli. Mais de quoi ? Je l'acceptais à chaque instant avec sa peur, ses soupirs et ses silences. Je le suivais dans ce grand fracas du Sud, dans cette jungle chaque seconde plus dure.

La réunion était prévue dans une église. Scott devait y prendre la parole. Le révérend Williams nous avait ouvert les portes de son temple baptiste, nous accueillant avec des paroles d'encouragement. Il y avait là toutes sortes de gens, des Noirs en grande majorité bien sûr. Carl, qui avait du mal à cacher sa violence, son aversion pour les systèmes, parlait très vite. Louis, le marxiste, s'évertuant au contraire à tout faire entrer dans son système et s'empêtrant dans quelques contradictions ; mais aussi des Blancs comme Jonathan ou le révérend Williams. Un groupe de Blancs de la région avait été averti de la tenue de cette réunion et se préparait à réagir. Le révérend Williams annonça la nouvelle avec calme et ajouta :

— Eh bien sûr, la réunion continue. Ce soir d'ailleurs, nous recevons un avocat qui a fait ses premières armes à Chicago et qui, aujourd'hui, vit et milite à New York avec le NAACP.

Je regardais Scott se mettre debout. Je ne m'étais jamais rendu compte à quel point il était grand. Il portait la tête légèrement en avant. Tous les visages se tournèrent vers lui, attentifs.

Quand Scott prononça ses mots : "Bonsoir Mesdames et Messieurs, sœurs et frères", sa voix me parut ancienne. Il ne dit rien de vraiment nouveau. Rien que chacun dans cette salle ne connaissait déjà. Mais le contenu importait bien moins que la puissance inouïe qui se dégageait de cette voix. Elle portait le défi le plus secret, le plus intime et allait loin, très loin au-delà

Na estrada de Birmingham, o cansaço nos havia deixado sonolentos. Uma vertigem me fazia sentir surdamente um buraco no estômago. Eu me perguntava, no fundo, de qual mundo Scott me olhava. Ele se afundava em direção ao Sul para o apagamento, para o esquecimento. Mas de que? Eu o aceitava a cada instante com seu medo, seus suspiros e seus silêncios. Eu o seguia no seu grande fragor do Sul, dentro daquela selva a cada segundo mais espessa.

A reunião estava prevista numa igreja. Scott devia falar. O reverendo Williams nos havia aberto as portas de seu templo batista, nos acolhendo com palavras de encorajamento. Lá, tinha todo o tipo de gente, Negros em grande maioria, claro. Carl, que tinha dificuldade para esconder sua violência, sua aversão pelos sistemas, falava muito rápido. Louis, o marxista, tentando, ao contrário, fazer entrar tudo em seu sistema e se envolvendo em algumas contradições; mas também Brancos como o Jonathan ou o reverendo Williams. Um grupo de Brancos da região havia sido advertido sobre a realização da reunião e se preparava para reagir. O reverendo Williams anunciou a notícia com calma e acrescentou:

— Claro, a reunião vai continuar. Essa noite, inclusive, nós recebemos um advogado que iniciou na luta em Chicago e que, hoje, vive e milita em Nova York com a NAACP.

Eu olhava Scott se levantar. Nunca havia me dado conta o quão alto ele era. Ele inclinava a cabeça levemente para frente. Todos os rostos se viravam em direção a ele, atentos.

Quando Scott pronunciou as palavras: "Boa noite, senhoras e senhores, irmãos e irmãs", sua voz me pareceu envelhecida. Ele não disse nada de verdadeiramente novo. Nada que cada um naquela sala ainda não soubesse. Mas o conteúdo importava bem menos do que o poder inaudito que se desprendia daquela voz. Ela carregava o desafio mais secreto, mais íntimo e ia longe, muito longe, para além das ruas, das casas, dos matagais ensanguentados ao redor da

des rues, des maisons, de fourrés ensanglantés autour de la ville : “Ce que j’ai à vous dire ce soir est très simple. Je ne ferais qu’enfoncer une porte ouverte. Quelque chose est en train de changer aux États-Unis d’Amérique”.

Après qu’il eût parlé pendant une quinzaine de minutes le révérend nous conseilla d’écourter la séance et de nous disperser. Nous le fîmes avec prudence dans la nuit naissante du Sud étonnement belle, si profonde et si prompte. Nous sommes entrés nous coucher fourbus mais heureux. La sonnerie du téléphone résonna vers trois heures du matin. C’était le révérend Williams qui annonçait que le jeune Noir qui nous avait prévenus avait été battu à mort et avait réussi à se traîner jusqu’à sa porte. Il avait succombé à ses blessures une heure plus tard. Scott demeura assis un long moment. Son regard rencontra le mien.

— Que vas-tu faire maintenant ?

— Je ne sais pas encore. Je suis triste à en crever, Jocelyne. Et je suis en colère. De toute façon, je ne vais pas leur faciliter la tâche en m’écrasant.

Il demeura ainsi prostré et but en silence une demi-bouteille de Bourbon. Je lui touché l’épaule. “*God does not exist, if he does I fuck him!*” Puis, il s’endormit la rage au cœur.

Et dans cette nuit de Birmingham, quelque chose se précise. Je nous revois entre ces quatre murs. Dans un silence cotonneux et tiède. Le monde n’était plus qu’ombres, murmures et attentes. Scott se retournait dans son sommeil et fit cette mine d’enfant contrarié que je lui connaissais si bien. Je crus un instant qu’il allait se réveiller tout à fait. Mais il ouvrit les yeux un moment, dans un demi-sommeil. Je vis ses lèvres frémir puis se déformer dans un rictus grimaçant et je crus qu’il allait hurler ou pleurer. J’écrasai presque ma main sur sa bouche. Il posa une main crispée sur mon avant-bras et je défis ma pression.

— Is it you?

— Oui Scott. Qu’est-ce qui ne va pas?

cidade: “O que eu tenho para dizer para vocês essa noite é muito simples. Vou chover no molhado. Alguma coisa está mudando nos Estados Unidos da América”.

Depois de ele ter falado durante quinze minutos, o reverendo nos aconselhou a encurtar a reunião e a nos dispersar. Deixamos o local com prudência na noite nascente do Sul, espantosamente bela, tão profunda e tão repentina. Voltamos e nos deitamos exaustos, mas felizes. O telefone tocou próximo das três da manhã. Era o reverendo Williams que anunciava que o jovem Negro, que nos havia alertado, havia sido espancado até a morte, mas conseguido se arrastar até a porta do reverendo. Ele havia sucumbido às feridas uma hora depois. Scott permaneceu sentado por um longo momento. Seu olhar encontrou o meu.

— O que você vai fazer agora?

— Ainda não sei. Estou morrendo de tristeza, Jocelyne. E estou com raiva. Mas eu não vou facilitar o trabalho deles me abatendo.

Ele permaneceu assim prostrado e bebeu em silêncio uma meia garrafa de Bourbon. Toquei-o nos ombros. “*God does not exist. If he does I fuck him*”¹⁴. Depois, adormeceu com raiva no peito.

E naquela madrugada em Birmingham, alguma coisa se tornou clara. Eu nos revejo entre aquelas quatro paredes. Num silêncio macio e morno. O mundo eram apenas sombras, murmúrios e esperas. Scott se revirava em seu sono e fez aquela cara de criança contrariada que eu conhecia tão bem. Acreditei por um instante que ele ia despertar completamente. Mas ele abriu os olhos, por um momento, meio adormecido. Vi seus lábios tremerem, depois se deformarem num trejeito sorridente, e pensei que ele ia gritar ou chorar. Quase esmaguei minha mão na sua boca. Ele colocou uma mão tensa no meu braço e eu desfiz minha pressão.

— Is it you?

— Sou eu Scott. Tem alguma coisa de errado?

¹⁴ Deus não existe. Se existir, eu quero que ele se foda. (N. T.)

Il ne répondit pas à cette question.

— Reste-là, ne t'en va pas.

— Je suis là, Scott. Où veux-tu que j'aille?

Et pour la première fois, contre toute attente, il raconta. Scott avait une mémoire implacable, vive, précise. Sa voix venait de très loin. Caverneuse et plus troublante que toutes les ombres de cette ville maudite. Il cligna des yeux comme on sort d'un rêve et se redressa. Cette blessure virile qu'il portait en lui et que chaque femme ravivait sans le savoir, il m'en ouvrit tous les bords :

— Ma mère était d'origine trinitadienne, fille d'un pasteur qui avait émigré aux États-Unis. Dans mon enfance, nous étions pauvres mais mon père était mon père et je l'aimais. J'étais fier de lui. Peu m'importait son pantalon sale et son vieux chapeau déformé. Personne ne pouvait jouer à l'harmonica comme mon père, personne ne pouvait travailler la terre comme lui. Personne ne marchait comme lui. Aussi droit, aussi fort. Et comme j'étais son fils aîné, il me parlait de ce que nous ferions, une fois mes études terminées. Il me disait l'importance d'apprendre à la petite école de Mr. Brown, l'instituteur Noir de la ville.

Puis, Scott est resté silencieux. Si longtemps, que j'ai dû lui poser une autre question.

— Et puis ?

Je lui servis un peu de Bourbon.

— Nous sommes arrivés un jour dans une épicerie. C'était un samedi. Il pleuvait des cordes. Nous n'étions pas très propres car nous avions passé la journée à travailler dans les champs. Nous n'avions jamais acheté à cette épicerie. Mais, le lendemain c'était l'anniversaire de mon jeune frère, et maman voulait lui préparer un gâteau avec une vraie crème à glacer et nous avait priés d'en acheter chez cet épicier. L'entrée réservée aux Noirs est sur le côté droit tout près d'une mare. Et il pleut si fort cet après-midi-là que l'eau nous arrive jusqu'aux chevilles. Il pleut si fort donc que

Ele não respondeu à pergunta.

— Fique aqui. Não vá não.

— Estou aqui, Scott. Para onde você quer que eu vá?

E, pela primeira vez, contra toda expectativa, ele contou. Scott tinha uma memória implacável, viva, precisa. Sua voz vinha de muito longe. Cavernosa e mais perturbadora do que todas as sombras daquela cidade maldita. Ele piscou os olhos, como se saísse de um sonho, e se endireitou. Aquela ferida viril que ele carregava consigo e que toda mulher reavivava sem o saber, ele abriu todas as bordas para mim:

— Minha mãe era de origem trinitadiana, filha de um pastor que emigrou para os Estados Unidos. Na minha infância, nós éramos pobres, mas meu pai era meu pai e eu amava ele. Eu tinha orgulho dele. Pouco importava sua calça suja e seu chapéu velho deformado. Ninguém era capaz de tocar gaita como meu pai, ninguém era capaz de trabalhar na terra como ele. Ninguém andava como ele. Tão direito, tão forte. E como eu era o filho mais velho, ele me falava o que a gente ia fazer quando eu tivesse acabado a escola. Ele me falava sobre a importância de estudar na escola do Sr. Brow, o professor Negro da cidade.

Depois, Scott ficou em silêncio. Tanto tempo que eu tive de lhe fazer outra pergunta.

— E depois?

Eu lhe servi um pouco de Bourbon.

— Um dia a gente foi numa mercearia. Era um sábado. Estava chovendo muito. A gente não estava muito limpo porque a gente tinha trabalhado o dia todo no campo. A gente nunca tinha comprado nada naquela mercearia. Mas, no dia seguinte, era o aniversário do meu irmão mais novo, e minha mãe queria fazer um bolo para ele com um creme de confeitiro de verdade, e tinha pedido para a gente comprar o creme naquela mercearia. A entrada reservada para os Negros é do lado direito, bem perto de um charco¹⁵. E está chovendo tão forte naquela tarde que a água

¹⁵Água parada suja e repleta de lodo. (N. T.)

nous empruntons l'entrée sur le côté gauche réservée aux Blancs avec l'intention, une fois à l'intérieur, de rejoindre nos rangs. Moi, j'ai si peu l'habitude d'être dans un lieu fermé avec des Blancs que j'hésite un moment au seuil de la porte. Mais je suis quand même mon père à l'intérieur de l'épicerie. Je sais qu'il est le plus fort. Une dame avec un chapeau et des lunettes...

Scott arrêta brusquement son récit, but une autre gorgée d'alcool, alluma une cigarette puis reprit...

— Je n'oublierai jamais ce visage. Cette chipie regarda mon père et hurla. Les autres blancs s'écartèrent puis se retournèrent. L'épicier arrêta de servir les clients, sortit de derrière son comptoir et saisit mon père par le col de sa chemise, le secoua comme un sac de paille et le gifla :

— Tu n'as pas vu qu'il y avait une entrée pour les gens comme toi.

— Il pleut et je ne pouvais pas l'emprunter avec mon fils.

— Je ne veux rien savoir. La prochaine fois, je t'étrangle et je dis à la police que tu m'as menacé avec un couteau.

J'assiste à la scène sans pouvoir broncher. J'ai si honte que je pleure en silence. Il y a plusieurs façons d'émasculer un homme, Jocelyne. Le gifler en présence de son fils sans qu'il puisse réagir en est une. Puis l'épicier crie :

— Dehors !

Et d'un coup de pied, il fait tomber mon père sur le sol mouillé. Sur le chemin du retour, je ne me suis jamais retourné pour le voir, même quand de sa voix humiliée et triste il m'a appelé. Mon père ne rentra pas ce soir-là à la maison et pris l'habitude d'en franchir de moins en moins souvent le seuil.

*

bate no tornozelo. Está chovendo tão forte que então a gente decide usar a entrada do lado esquerdo, reservada para os Brancos, com a intenção de ir para o nosso lado quando a gente estivesse lá dentro. Eu, que quase não tenho costume de ficar num lugar fechado com Brancos, hesitei um momento na entrada da porta. Mas eu segui meu pai mesmo assim para dentro da mercearia. Eu sabia que ele era o mais forte. Uma senhora de chapéu e óculos...

Scott parou bruscamente sua história, bebeu um outro gole de álcool, acendeu um cigarro, depois retomou...

— Eu nunca vou esquecer aquele rosto. Aquela megera olhou para o meu pai e gritou. Os outros Brancos se afastaram, depois se viraram. O dono da mercearia parou de atender os clientes, saiu de trás do balcão e agarrou meu pai pelo colarinho da camisa, sacudiu ele como um saco de palha e deu um tapa na cara dele:

— Você não viu que tem uma entrada para pessoas como você.

— Está chovendo e eu não podia entrar por lá com meu filho.

— Não quero nem saber. Da próxima vez, estrangulo você e falo para a polícia que você me ameaçou com uma faca.

Assisto à cena sem conseguir reagir. Eu tenho tanta vergonha que choro em silêncio. Há várias maneiras de castrar um homem, Jocelyne. Dar um tapa na cara dele na frente do filho sem que ele possa reagir é uma delas. Depois o dono da mercearia gritou:

— Fora daqui!

E, com um chute, fez meu pai cair no chão molhado. No caminho de volta, eu nunca mais me virei para ver ele, mesmo quando, com a voz humilhada e triste, ele me chamou. Meu pai não voltou para casa naquela noite e criou o hábito de passar cada vez menos pela entrada.

*

— *A infância dos outros é uma terra estrangeira.*

— *L'enfance des autres est une terre étrangère.*

— *Tu veux dire que personne ne peut jamais l'aborder ?*

Il ne répondit pas. Ce furent les seuls mots qu'il prononçât sur l'autre monde, celui sur lequel il ne semblait avoir aucune prise, celui de son mystère, du mystère des vaincus. Nous étions assis sur un petit promontoire aux abords de Fort Jacques. Son souvenir dans ce soleil m'enchantait encore. Je ne l'avais mené nulle part sinon au bord de cette enfance. Il n'avait rien à me rendre que la sensation de pouvoir à nouveau y poser un instant les pieds. En attendant celle qui, par des gestes secrets, attiserait ses blessures pour mieux les guérir. Il se retourna et je sus en cet instant que même quand tout serait joué dans ma vie, il y aurait encore le souvenir de ces yeux-là. Il prit mon visage entre ses mains et posa ses lèvres sur les miennes.

Le lendemain, il avait rejoint François et Claude dans la clandestinité. D'autres mondes attendaient que nous ne verrions pas ensemble.

Ce n'était pas encore le temps ou bien des années après, j'appris à soupeser cette humanité selon les choses plus ou moins laides que chacun était prêt à faire pour exister parce que la souffrance ne rachète pas toujours, l'injustice ayant depuis longtemps contaminé aussi le cœur des vaincus. J'ai gardé de Luc, de François et de Claude l'idée que la révolte s'imposait quand même.

Je m'approchai de Scott et posai la tête contre son épaule, bouleversée comme si je le retrouvais après l'avoir longtemps perdu. Il écrasa sa cigarette dans le cendrier et glissa ses paumes sèches dans la chaleur des draps.

En même temps que le plaisir, Scott voulut retrouver, entre les cuisses d'une femme, l'enfance intacte. Le lit se déroba sous moi et ce vertige me porta encore plus sûrement vers lui, vers un sommeil partagé

— *Você quer dizer que ninguém nunca pode falar sobre ela?*

Ele não me respondeu. Essas foram as únicas palavras que pronunciou sobre o outro mundo, aquele sobre qual ele não parecia ter nenhuma influência, aquele de seu mistério, do mistério dos derrotados. Estávamos sentados sobre um pequeno promontório às margens do Fort Jacques¹⁶. A lembrança dele naquele sol ainda me encanta. Eu não o havia levado a nenhum lugar senão perto daquela infância. Ele não tinha nada a me devolver senão a sensação de poder, de novo, colocar os pés nela. Esperando aquela que, por gestos secretos, aticaria suas feridas para melhor curá-las. Ele se virou, e eu soube naquele instante que mesmo quando tudo tivesse terminado na minha vida, haveria ainda a lembrança daqueles olhos. Ele pegou meu rosto entre as mãos e aproximou seus lábios dos meus.

No dia seguinte, ele se juntou a François e Claude na clandestinidade. Outros mundos esperavam que nós não nos veríamos mais juntos.

Não naquele momento, mas anos depois, aprendi a ponderar essa humanidade segundo as coisas mais ou menos vergonhosas que cada um estava disposto a fazer para existir porque o sofrimento nem sempre compensa; a injustiça tendo, há muito, também contaminado o coração dos derrotados. Guardei de Luc, de François e de Claude a ideia de que a revolta se impõe apesar de tudo.

Eu me aproximei de Scott e coloquei minha cabeça contra o seu ombro, atordoada como se o tivesse encontrado após tê-lo perdido por muito tempo. Ele amassou o cigarro no cinzeiro e deslizou suas palmas secas no calor dos lençóis.

Ao mesmo tempo que o prazer, Scott quis encontrar, entre as coxas de uma mulher, a infância intacta. A cama desabou sob mim e aquela vertigem me levou mais seguramente em direção a ele, em direção a

¹⁶ Uma das fortificações construída pelo imperador Jean-Jacques Dessalines para servir de defesa contra a invasão dos franceses depois da independência do Haiti. (N. T.)

qui effaçait lentement la honte. * 1995. Et depuis ces années je repasse en mémoire les images de mon île, les paysages du sud-américain, les paroles de soleil et de nuit. Je revois les yeux de Luc comme traversés d’incendies. J’entends encore la voix de Scott légèrement enraillée par l’alcool et le tabac. Je perçois l’odeur d’enfance et de ruisseaux de leurs cheveux. J’ai encore cette empreinte de leurs mains dans la mienne, sur la peau, les gestes qui se nouent et se défont.	um sono partilhado que apagava lentamente a vergonha. * 1995. E, desde aqueles anos, repasso na memória as imagens da minha ilha, as paisagens do sul dos Estados Unidos¹⁷, as palavras do sol e da noite. Revejo os olhos de Luc como atravessados por incêndios. Ouço ainda a voz de Scott levemente enrouquecida pelo álcool e o tabaco. Sinto o cheiro de infância e de riachos de seus cabelos. Ainda tenho essa marca das mãos dele nas minhas, sobre a pele, os gestos que se prendem e se desfazem.
--	---

4 PARA CONCLUIR: AINDA UMA CENA

Se, como mencionamos anteriormente, traduzir é um convite a olhar o outro, mergulhar naquilo que se pode chamar de língua do outro, atravessados pela estrangeiridade de nossas “próprias” línguas, a tradução de *Uma história americana*, de Yanick Lahens, nos levou a uma cena de experiências múltiplas: a das línguas desenraizadas, dos sujeitos deslocados, das vidas dilaceradas. Escrevendo em francês, e rememorando suas origens, Lahens busca retratar não apenas a situação do Haiti, mas de todo o continente americano, o estado de miséria e as inúmeras formas de exploração a que são submetidos mulheres e homens excluídos das negociações da economia global.

Traduzir Lahens significou, então, desviar nosso olhar do francês da Metrópole para apreender as nuances de uma língua francesa enxertada de saberes, tradições e cores locais. Implicou lidar com um ritmo ininterrupto, uma sintaxe marcada por outra ordem gramatical, uma frase longa que foi preciso pausar, intercalar, de alguma forma, interromper, para retomar o fio da escrita e do sentido. Traduzimos com Lahens, num ritmo determinado por nossas escutas, por aquilo que conseguíamos ouvir ou suportar.

Cabe ainda explicitar aqui que uma das razões que nos levou a traduzir *Uma história americana* foi o contexto no qual esta pesquisa se iniciou. Em 2020, além da pandemia que nos colava numa situação humana jamais experimentada, assistimos chocadas ao assassinato de um jovem negro por policiais nos Estados Unidos. George Floyd foi abordado com tanta violência que morreu estrangulado no chão, tentando dizer: “*I can’t breathe!, I can’t breathe!, I can’t breathe!*”

Se pudermos conferir um papel à tradução, acreditamos que esse deva ser o de permitir denunciar todas as formas de violação dos direitos humanos, de se opor a todos os discursos hegemônicos que ignoram as minorias e não lhes deixam falar em suas línguas, com suas diversidades.

¹⁷ Optamos por traduzir o vocábulo *sud-américain* por *sul dos Estados Unidos* por considerarmos que a tradução *sul-americano* (*sud-américain*) remeteria, do ponto de vista geográfico, à América do Sul e não à região em que se passa a narrativa de Lahens, ou seja, aquela referida porção do território americano frequentemente denominada, em inglês, de *American South*. (N. T.)

Assim, à tradução caberá sempre a tarefa e o objetivo ético de olhar o outro, para o outro, respeitá-lo naquilo que ele pode comportar de mais estranho e singular, em sua própria língua, mesmo sabendo, de antemão, que essa língua nunca lhe é própria.

P. S.: Quando terminávamos a redação deste artigo e a revisão da tradução, fomos surpreendidas novamente por outro assassinato brutal de um jovem negro, desta vez, por policiais negros, nos Estados Unidos. As histórias americanas se repetem. Não aguentamos mais. *We need to breathe!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E de O. A primeira ocupação militar dos EUA no Haiti e as origens do totalitarismo haitiano. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 20, p. 173-196, Jan/Jun, 2016. Disponível em: < <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2492/2248>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

AULETE. Dicionário online Caldas Aulete. Disponível em: < <https://aulete.com.br/>>. Acesso em: 14 de mar. 2021.

BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

CADELY, Jean-Robert. Haiti: a política da língua. In: GEDIEL, J. A. P.; GODOY, G. G. **Refúgio e hospitalidade**. Curitiba: Kairós Edições, 2016. p. 307-319.

CNRTL. Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em: <www.cnrtl.fr>. Acesso em: 20 de set. 2021.

COTHIÈRE, D. Le créole et le français en Haïti: peut-on encore parler de diglossie? **Revue transatlantique d'études suisses**, 6/7, p. 157-164, 2016/17.

DERRIDA, J. **Le molinguisme de l'autre ou la prothèse d'origine**. Paris: Galilée, 1996.

HAITI. **UNESCO Institute of Statistics**. Disponível em: <<https://uis.unesco.org/en/country/ht>>. Acesso em: 14 mar 2021.

LAHENS, Y. Une histoire américaine. **La petite corruption**. Port-au-Prince: Legs Édition, 2014, p. 49-62.

_____. **Littérature haïtienne: urgence(s) d'écrire, rêve(s) d'habiter**. Paris: Fayard, 2019.

LE ROBERT. Le Robert dico en ligne. Disponível em: <<https://dictionnaire.lerobert.com/>>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

MITTMANN, S. **Notas do tradutor e processo tradutório**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MOSES, Yolanda. Is the Term “People of Color” Acceptable in This Days and Age? **Sapiens**. Disponível em: <<https://www.sapiens.org/language/people-of-color/>>. Acesso em: 10 agosto 2022.

O QUE SIGNIFICA A NAACP PARA JÁ? **Trend Repository**. Disponível em: <trendrep.net/o-que-significa-a-naacp-para-j%C3%A1/>. Acesso em: 10 agosto 2022.

SARDIN, Pascale. De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et prétexte. **Palimpsestes**, n. 20, p. 121-136, 2007. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/palimpsestes/99>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

THE AFRICAN DIASPORA IN LATIN AMERICA. **Institute for Culture Diplomacy**. 2007. Disponível em: <www.culturaldiplomacy.org/index.php?en_programs_diaspora_la>. Acesso em: 28 jun. 2022.

TORRES, M. H. C. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, L. F. de; TORRES, M. H. C.; COSTA, W. (Org.). **Literatura traduzida: Tradução Comentada e Comentários de Tradução**. 1ed. Fortaleza: Substância, 2017. p. 15-37.

YANICK LAHENS : ÉCRIRE HAÏTI. **Radio France**. Disponível em: <<https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/serie-yanick-lahens-ecrire-haiti>>. Acesso em: 15 fev. 2021.